



c. l. salvaro

espaço relacional

O interesse pelos pequenos detalhes da vida cotidiana, especialmente aqueles que, de alguma forma, acontecem ao acaso habitam as referências e percepções de C.L. Salvaro. Para o artista interessa tanto “uma pegada fossilizada no cimento fresco ou o crescimento do mato no canto do muro do prédio da esquina e às vezes minha produção é trespassada simultaneamente por todas essas informações e eu tento aproveitar a turbulência para desestabilizar o lugar-comum”.

Esse talvez seja o mesmo gesto que Salvaro aciona nos espaços expositivos onde desenvolve seus projetos artísticos. Um olhar atento aos espaços, não apenas em suas características físicas, mas também em seus processos de constituição institucional e social, em seus detalhes e processos. Uma percepção artística que dá uma centralidade ao espaço fazendo-o ponto de partida para a realização das obras.

Talvez por isso, o modo com que Salvaro propõe a ocupação do espaço em suas obras é sempre tão significativo, fazendo dele uma importante linha de elaboração conceitual, significação e fruição. Em exposições recentes como “Area de” (Galeria GTO, SESC Palladium, Belo Horizonte, 2014), Salvaro desnudou o espaço retirando as placas que cobriam dutos e canos, deixando tudo a mostra: “decidi retirar os módulos do teto deixando toda essa mixórdia visível e usei o material extraído para construir paredes arranjadas na forma de um labirinto que se estendia do chão ao teto”.

Esta ocupação revela os modos como o artista percebe e maneja o espaço em sua produção, tomando-o de forma crítica e relacional, como nos termos colocados por David Harvey: “um evento ou uma coisa situada em um ponto no espaço não pode ser compreendido em referência apenas ao que existe somente naquele ponto. Ele depende de tudo o que acontece ao redor dele (...). Uma grande variedade de influências diferentes que turbilham sobre o espaço no passado, no presente e no futuro concentram e congelam em um certo ponto”.

Essas características relacionais do espaço estão presentes nos projetos desenvolvidos por Salvaro, estimuladas, ainda mais, por um complexo processo de criação experimental que convive diretamente com o risco e o erro, aliás, como afirma o artista, “o erro e a falha atualmente estão entre os meus principais interesses”.

A proposta selecionada para o Memorial Minas Gerais Vale não foi diferente. Em “Fachada”, C. L. Salvaro reconstrói no espaço expositivo a fachada do prédio histórico que abriga o Memorial. As proporções, as cores e os elementos bem como os processos construtivos para a ocupação do espaço expositivo acionam as inúmeras camadas de sentido que recobrem o edifício ao longo do tempo. Assim as tensões da memória e a fugacidade do tempo presente se relacionam em um espaço que se de um lado traz a construção, de outro aponta para a ruína.

// **Eduardo de Jesus, 2015** - exposição Fachada, realizada no Memorial Minas Gerais Vale